

LITORAL

Em Paranaguá é preciso ir ver as arcadas de pedra do velho Colégio dos Jesuítas e, além do barrôco sem muita graça das outras igrejas, o chafariz e lavanderia pública do século XVII, onde a gente ainda crê ouvir o claro chálzar das vozes das lavadeiras coloniais; é preciso ir comer camarões e palmito ao lado da igreja de Nossa Senhora do Rocio, e comprar delicadas coisas de palha e vime no mercadinho público; é preciso conhecer a Praia de Leste, e Matinhos, e esta linda Caiubá — onde, como no Recreio dos Bandeirantes, há uma praia brava, aberta à fúria do Nordeste, e outra mansa e boa, a sotavento do monte de pedra, com a diferença de que aqui esse promontório é cheio de árvores e de flores. Seria preciso ir também à Ilha do Mel, mas eu não fui; já fui a Antonina por dentro da baía, mas o que deve ser mais suave é subir até Morretes por esse rio Nundiaquara tão sossegado e belo.

Mas a velh: Paranaguá estremece; seu pôrto já foi ampliado com mais 200 metros de cais duplos, e 400 outros serão construídos; ao longo da estrada de ferro e da linha do cais, os armazéns novos e em construção se sucedem de maneira impressionante. Aqui se embarca o café do Norte, o mate e o pinho serrado do Sul; com a construção de novas estradas e revestimento das antigas, Paranaguá não apenas servirá ao escoamento do Estado e especialmente do seu Norte como terá uma zona de influência até o Paraguai, a Bolívia e o Chile, graças ao recuo da costa brasileira, que o coloca a 210 quilômetros a oeste de Santos.

Nos fundos dessa imensa baía, o pôrto de Antonina será o escoadouro natural do chamado Norte Velho, mas a construção de uma estrada econômica para varar as serras e o vale do Ribeira ainda levará tempo, com ce teza. Uma boa estrada de Antonina a Guaraqueçaba, no fundo da baía de Laranjeiras, virá dar uma valorização rápida a uma zona de mata tropical perto do mar.

O Paraná não tem razões de queixa por ter um litoral tão pequeno para um território tão grande: o que aqui não é baía bem abrigada é praia boa para veraneio. A casa mais bonita que vi em Caiubá foi a de Didi Caillet, hoje viúva de um dos grandes industriais do mate. Agora começam a surgir as casas construídas com o dinheiro do café, e não do mate ou do pinho: os novos ricos de Londrina e Apucarana começam a pensar em um lugar para passar o verão com a família, e compram seus lotes junto ao mar. Ninguém precisa ser profeta para imaginar que, depois da próxima safra de café, que se anuncia tão gorda, essa faixa de areia entre a Praia de Leste e Guaratuba subirá de preço à custa da terra roxa...

R. B.

1-2-52

(2 Rep. Paraná)